

Breve depoimento acerca da actualidade de Dickens

Luís de Araújo
Universidade do Porto

A vida cultural é, além do mais, memória e comemoração, não raro de uma atmosfera de luta pelas grandes causas, evidenciada na acção intelectual de todos os que, como Charles Dickens, lavram o caminho para o triunfo de ideais ético-políticos onde a preocupação pela dignidade humana constitui a aposta inadiável.

Combatente nas fileiras dos que procuram a Verdade e o Bem, consciente de que o ofício do escritor humanista acarreta uma necessidade de acção doutrinária, capaz de erradicar dogmatismos, sempre alienantes, Dickens convida-nos a uma vigilante atitude crítica, séria e responsável em prol da liberdade e da defesa dos oprimidos, acreditando que o aperfeiçoamento ético da sociedade é uma exigência permanente, somente possível pela instauração de uma ético-política onde a liberdade e a igualdade definam o direito, mas em obediência à ideia de Justiça que só fundada na Bondade assumirá uma autêntica fisionomia humana.

Animado pela intenção de pensar criticamente para agir generosamente, Dickens exorta-nos – e isto é o que está vivo no seu pensamento moral – para a realização de ideais éticos que possibilitem a autogestão vital de seres humanos em que, sem limitações nem ambiguidades, esteja bem presente a estimulante empresa de um aprofundamento do ideal da Fraternidade contra a iniquidade de um tempo necessitado de regeneração e metamorfose social como foi a época em que teve lugar a intervenção deste escritor para quem a literatura muito mais do que um entretenimento deveria apresentar-se como uma acção plena de sentimento humanista, em que o humanismo se cruza com humanitarismo,

>>

assumindo, porém, a recusa de qualquer agitação de índole revolucionária com vista à transformação da sociedade. Na realidade, em Dickens, depara-se-nos um utopismo radicado numa perspectiva filantrópica apostada na necessidade de entreatajuda, procurando chamar a atenção de que aquela sociedade britânica que vivia numa espécie de paz de consciência devia abrir os olhos para fazer desaparecer a presunção, a arrogância, a prepotência que punha aqui e ali na sua visão do mundo e da vida. Advogando, como Proudhon, que o mundo somente pela moral será libertado e salvo, Charles Dickens deixa transparecer na sua obra, sobretudo em *Tempos Difíceis*, que a chave para o triunfo da Justiça não está na fúria iconoclasta e implacável do impulso revolucionário, mas sim noutro radical voluntarismo que confia na profunda educação das mentalidades a par com a estimulante empresa de um aprofundamento do ideal da Fraternidade. Amigo de Robert Owen, partilhava um idealismo próximo dos socialistas utópicos dos inícios do século XIX cujo sentido de altruísmo constituiria a alavanca propulsora de uma transformação social susceptível de se desenvolver ao ritmo da Dignidade.

Todavia, apesar de se assumir como um reformista humanitário, faltou-lhe uma perspectiva clara da questão económica do capitalismo industrial e da sua consequente questão social, não obstante a seriedade e a lucidez do seu pensamento que, por exemplo, o levou a defender a união dos trabalhadores em sindicatos susceptível de lançar os alicerces para novas formas de convivência humana.

Figura maior da chamada novela social britânica, sempre esteve do lado dos que lutavam pela emancipação dos seres humanos, embora sem superar as contradições e as alienações das circunstâncias históricas do seu tempo. Não tendo ido além de uma radical filantropia, contudo a sua mensagem, produto da sua angústia e da sua lucidez, manifesta a exemplaridade de uma vocação humanista íntegra que, não obstante se cruzar amiúde com o paroxismo do desespero, nunca hesitou na afirmação de uma atitude ética predominante que apontava a perfeição moral individual como a condição necessária para a perfeição moral da sociedade — o que faz dele, em certa medida, nosso contemporâneo. <<